

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

REGISTO BIBLIOGRÁFICO.

ALMEIDA, Eduardo de

Ano: 1922 | Número: 32

Como citar este documento:

ALMEIDA, Eduardo de, Registo bibliográfico. *Revista de Guimarães*, 32 (3) Jul.-Set. 1922, p. 358-364.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

São tristes os domingos na província. Falta-nos o sol, que é tôda a nossa festa, e o longo e contente passeio de rua em rua, a espanejar a véstia e a desencardir a família, até à aldeia onde já estoiram ao lume de pinheiro as castanhas. E êsse comadrêscio passeio, a começar meditabundo na digestão pesada e depois gralhado de confidências e mexericos, resume convenientemente a nossa filosofia, a nossa política, acepilhadas com os desabafos do trabalho e a risonhice das aspirações. Diz-se à mulher e ao amigo a noção do periódico sôbre o nosso excelente estado de ruína, a quezília do voto, comenta-se a semana desde o vizinho ao turco e agride-se a própria tacauhez de bôlsa, arreburros de trabalho eternamente choutando de Janeiro a Dezembro, com o mostrarmos, às guinadas, as mãos calosas vergastando o espaço, como viemos do nada, filhos e pais na mesma lida, e topetamos hercúleos na oficina. Vai-se bebendo o ar e o vinho. Sauda-se no adro o bom do cura, de ôlho nas mocetonas de fibra dura, inda melhores. Depois... a segunda-feira é um meio dia-santo de madracice e tontaria...

Aqui mesmo, na meia escuridão da casa, eu adivinho, logo de manhã, a chuva triste dos domingos pelo espreguiçamento dos sinos chamando à missa. Mais encolhidas, as sombras nimbam-se de tortura e as frases, mesmo as crepitosas dos livros veementes, sussurream baixinho como os bules de chá dos contos de Dickens. O silêncio, que tam paradoxalmente crismaram de invariável, soturno e hermético, eu bem sei que é muito outro na primavera ou no outono, estuar-do em desejo ou entorpecendo em recordações e pesa-

res, forte de perfume ou a caír incerto, desamparado, como uma fôlha sêca desprendida do ramo, e agora mesmo o vi retrair-se, mudar, empalidecer quando fugiu uma pequena réstea de sol, que viera a espreitar-nos da janela. A minha sombra casa-se melhor a esta sombra vaga. Deixo-me levar na contemplação e na leitura, brandamente. Como única e forte mancha de côr, tenho, debruçadas na jarra, as duas últimas rosas.

*

Poucos dias depois da revolução de Outubro, dizia eu — «Os dois grandes êrros da nossa vida pública são: o analfabetismo popular e a imoralidade dos costumes políticos. A actividade republicana deve, evidentemente, para que seja honesta e salutar, concentrar-se nesta luta: educação, moralidade. Não nos preocupemos apenas com a ilustração das inteligências; consagremo-nos a formar e elevar os caracteres. Se a educação é um factor do progresso, a moralidade é a sua base necessária.»

Muito velho, rançoso, é um saber de experiência feito, inscrito como primeiro princípio na babel das seitas, e com invejável solicitude sempre arrumado para o lixo das futilárias retóricas. Para muitos, o venerando palavirão que se lança de isca às manifestações ruidosas, um bonequinho de mostrança que não houve a curiosidade de estripar, a ver o que tinha por dentro. Alguma coisa se vai fazendo, vingando a custo, limpamente, na realidade, entre as centenas que se desbaratam às cegas nesta obra de misericórdia de dar de comer a quem tem fome, o nosso amigo e correligionário, objectivo muito em realce na política nacional. E neste país de tantas esmolas, em que a mendicância e a bomba revolucionária são a auto-intoxicação que vai debilitando venenosamente o organismo e já lhe atacou o cérebro, parece que a única parcela regatinhada e de má catadura é essa, a que se gasta com a instrução. Mas como instruir é só o primeiro passo para educar, como as classes burguesas, e hoje mais ainda, se aferram apenas aos milhões, à catadupa, com um desdém rancoroso, idiotizado, pelas ninharias do espírito, como não pode aproveitar a lição do carácter

com a anarquia e pavorosa corrupção dos costumes, por mais tretas, cartapácios, resmas de leis, químicas e laboratórios, o problema continua, e o nosso problema decisivo, imperioso, vital, é êsse, um só, o mesmo — educação, moralidade. Progrediu-se muito, é certo. Eu sou do tempo, e não sou velho, em que estudar era uma penitência cumprida num cárcere, com vergastadas no carácter e no lombo. Vi a promiscuidade mais repugnante — e perigosa —, e a insciência mais atrevida. Quiseram que decorasse a matemática e a história. Foi o reinado do fingir e decorar, da memória e da hipocrisia. E ao fim dum ano de tortura o essencial estava na aprovação. Tenho ainda em mim revoltas e tristezas dêsse tempo, e nem uma saudade... Hoje — «o nosso ensino secundário está próspero, e vai em pleno progresso.... E' preciso proclamar bem alto e insistentemente que há já hoje em Portugal escolas secundárias oficiais que não receiam confronto com muitas das suas congêneres estrangeiras. Escolas onde as relações entre mestre e aluno, por exemplo, são melhores do que no geral dos liceus franceses e gymnásios alemães; e onde o ensino, pròpriamente dito, é mais eficiente do que em muitas das *Public Schools* de *Inglaterra*.»

Um dos homens que mais inteligente e devotadamente, com o amor dum patriota (no puro e augusto significado da palavra) e a perfeita isenção dum apóstolo, com verdadeiro afinco destemido e bravo, no jornalismo e no livro, pela idea e pela acção, no gabinete e no professorado, pela nobre lição do exemplo excelentemente salutar contribuiu para o indiscutível andamento registado naqueles seus próprios dizeres (*Educar*, Liv. Aillaud & Bertrand, 1918) foi o *Dr. Agostinho de Campos*. Apareceu recentemente a segunda edição do seu livro — *Educação e Ensino* — (Livrarias Aillaud e Bertrand — Paris, Lisboa — 1922), obra que, ainda na primeira edição, tanto me cativou pela verdade e clareza do raciocínio, pelo ajustado critério das observações e sobria elegância do estilo, puro e interessante, que logo fiquei prêso ao seu autor pela mais viva simpatia, derivando do mesmo convencimento sôbre muitos pontos, e aquela gratidão que nós portuguezes que somos pais devemos tributar a quem assim se esforça por nós

levar ao caminho direito, melhorando a triste sorte em que nos debatemos e preparando uma sociedade nova e digna do nosso amor aos filhos. São páginas para meditar, ensinamentos proveitosos que devem reler-se muitas vezes: a *Casa de Pais-Escola de Filhos* é uma bíblia que deve andar em todos os lares e bem avisado será aquele que, como eu fiz há dias, a der a ler às filhas e aos filhos para que exerçam sôbre a nossa fraqueza e os nossos desvios a acção educativa da sua existência, do seu futuro, das obrigações que nos prendem, como guias e formadores da sua moral. Tenho muitos defeitos, sem alarde o confesso, e não há terapêutica mais eficaz do que essa — a do reconhecimento das nossas obrigações de pais e a necessidade do seu exercício.

A publicação da *Antologia Portuguesa* é como um complemento perfeito da acção beneficente que êste homem está exercendo na sociedade portuguesa. Apenas recebido o III volume de *Fernão Lopes*, o grande escritor do século XV, não posso deixar de o recomendar à atenção do leitor estudioso.

*

A chuva é triste e má aos domingos. Os vendedores esfregam as mãos porque o povo, à falta de para onde ir, lá vai caíndo no cacifro a quartilhar. Pega-se a bisca, dobram-se as apostas, esquece o tempo. Ouço as cordas da água a varrer as pedras. A escuriza é maior. E enerva a buzinação em estilhaços metálicos dos automóveis, sempre às correrias, nestes desatinos, fazendo mais fome à fome e salpicando de lama as pobres velhinhas que fogem trôpegas e espavoridas.

*

A *Sociedade Martins Sarmiento* anda penhoradíssima ao *Gabinete Português de Leitura*, a benemérita e patriótica instituição, legítimo orgulho da nossa gente no Rio de Janeiro. Acedendo com uma bizzaria fora do comum à solicitação que lhe fôra dirigida, trouxe-nos à Biblioteca algumas produções de escrito-

res brasileiros. Pobre de mim — não sei encomiar-lhe o justo valor, que merece, com o desbôto da minha palavra! Os primeiros volumes chegados, numa encantadora surpresa, foram recebidos com alvôço e alegria. Eu sou — ¿ que importa o desvalimento da pessoa? — dos que mais ardentemente, por convicção muito reflectida, pugnam pela difusão e conhecimento entre nós da riquíssima literatura brasileira, que me estonteia pelo ardor moço, pela comoção vibrante e pela sua maravilhosa opulência. São os ares do Brasil, *Na Outra Banda de Portugal* como precisa, definidoramente lhe chamou o ilustre escritor e diplomata *Dr. Alberto de Oliveira*, que nos envolvem naquela atmosfera luminosa, onde a natureza tumultua de seiva e a vida calcina de intensidade e desejo. Bate-nos de chapa o sol, o velho deus, remôço, numa tempestade de oiro fulvo, e sentimos como uma saudade enlanguesciente, um murmúrio de sonho, que nos acaricia num dilúvio de perfumes e de flores.

Coelho Netto é uma das maiores figuras intelectuais do Brasil. E merecidamente. A sua obra marca lugar notável nas livrarias. Prodigioso artista da palavra, tem a consagração geral. Com raro poder de observador, profundo e culto, plasticizando uma linguagem variada, rica, cheia de pitoresco e scintilante de propridade, vivendo a natureza intensamente no descritivo e as almas humildes do *Sertão* — incarnando-as na fôrça bárbara, nativa, dos sentimentos —, o glorioso escritor vem edificando um belo monumento da arte escrita que ficará imortal na história da literatura brasileira. Benvindo seja a esta casa!

Na impossibilidade de falar dos interessantes volumes que nos enviaram, e que vão apontados no respectivo lugar desta *Revista*, permitam-me lhes diga que *Henrique Coelho* presta a *Joaquim Nabuco* (Esbôço Biográfico — Monteiro Lobato & C.^a, Editores — 1922 — São Paulo) o grande patriota e estadista brasileiro, cuja obra ficou assinalada nas suas duas memoráveis e nobilíssimas campanhas pela abolição da escravatura e regimen federativo, homenagem condigna do alto valor e merecimento daquele bom e honesto trabalhador. O *Dr. Solidônio Leite*, o distinto e erudito bibliógrafo, veio decidir, a nosso ver, a debatida questão de *A Auctoria*

da Arte de Furtar (Rio de Janeiro — Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C.^a — 1917), que tem andado atribuída ao Padre Antônio Vieira, a Tomé Pinheiro da Veiga, João Pinto Ribeiro e Duarte Ribeiro de Macedo. Como disse o meu querido amigo e ilustre académico, Sr. *Oscar de Pratt* — «expõe ali tam seguras razões e defende-as com tal critério de argumentação, que a questão parece resolvida e só espera uma dessas confirmações por prova documental evidente que o acaso proporciona quando menos se espera, para inutilizar a rabilidade dos que encontram na dúvida eterna um certo deleite espiritual.» Realmente o autor, com erudição e critério, estudando a vida e as obras do *Dr. Antônio de Sousa Macedo* e confrontando-as com a *Arte de Furtar*, não só arreda as hipóteses formuladas fantasisticamente, como nos convence de que foi escrita por Macedo, que era «dotado de profundo saber, assombrosa capacidade de trabalho e raro talento diplomático».

*

... Há um cantinho de lareira nesta arripiada tristeza de cinza: é o das evocações saudosas, os primeiros sonhos de letras pelo jardim florido da mocidade, que abria em perfume, coruscava de sol e se distendia infinito pelas pedregosas ruelas de Coimbra, noite morta, quando a minha alma já maguada de estudante resumia e concentrava sua maior, única ambição em traduzir no ritmo de palavras claras a vibração tempestuosa de sentimentos... Foi por lá que encontrei o *Alfredo Pimenta* conseguindo realizar, com ardor, o que eu e muitos outros visionávamos apenas, dolentemente. E a cada novo livro que deixa cair à publicidade, eu sinto-me enternecido e satisfeito, leio-o num recolhimento supersticioso e bom, sinto-o intimamente e por isso o admiro e louvo. Mas... ai de mim!... a cada novo livro me vejo mais velho e inútil, não tendo arrancado da obscuridade do meu drama uma só parcela de beleza nem um só grito de dor...

Este último — *Pretextos e Reflexoens* — (Parceria Antônio Maria Pereira, Editora — Lisboa) seguramente encanta pela culta elevação de pensamento, pela sensibilidade

nervosa torturada de comoções e pelo sugestivo embalador da forma, muito cuidada na sua mesma espontaneidade.

... *Terras de Alegria* (H. Antunes, Editor — Rio de Janeiro, Lisboa) é um livro suave de paisagem, de colorido, de vida popular, de costumes minhotos. Tem o duplo atractivo da côr e do ensinamento. Apanha-nos de surpresa, leva-nos de viagem, seduzidos, na boa e agradável camaradagem dum conversador minucioso e penetrante. Passam os campos e as figuras no comentário preciso, e quando bailam em festa as multidões, são os nossos próprios sentidos que turbilhonam loucamente, maravilhados. Eu quero dar neste abraço sincero ao *Alfredo Guimarães* todo o meu vivo incitamento a prosseguir nesta rota, difficil e ingrata, mas salutar à nossa literatura, e que tam harmoniosamente se casa com o seu feitio artístico.

EDUARDO D'ALMEIDA.